OS (DES)USOS DO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA NO COTIDIANO DO ENSINO MÉDIO

*Érika Renata Oliveira Camurça**
erika.camurca@aluno.uece
FECLESC/UECE

Isaíde Bandeira da Silva
isaide.bandeira@uece.br
FECLESC/UECE

RESUMO
Este artigo aborda sobre os usos ou desusos do livro didático nas aulas de História do Ensino Médio. Objetivamos analisar como o livro didático é utilizado no cotidiano escolar. Para alcançarmos nosso intuito fizemos uma pesquisa de campo em uma escola pública localizada no Centro de Quixadá, Sertão Central do Ceará, na qual observamos de forma direta 22 aulas de História, no período de março a junho de 2015. Dialogamos com Fonseca (2003), Caimi (2010), Knauss (2011), Silva (2014) dentre outros, que consideram o livro didático um instrumento pedagógico relevante no processo de ensino e aprendizagem escolar. Os dados obtidos em nossa pesquisa empírica mostram um paradoxo: o livro didático de História ocupa um lugar de destaca nas explicações dos conteúdos, contudo é subutilizado, pois as diferentes seções e as iconografias que compõem os capítulos não são exploradas.
Palavras-chave: Livro didático; Ensino de História; Escola; Ensino Médio; Educação.

ABSTRACT
This article discusses on uses or argument also highlights the didactic book in the lessons of history of middle school education. We aimed to analyze how the didactic book is used in everyday school. To achieve our aim we made a field survey in a public school located in the center of Quixadá, central arid upcountry regions of Ceará, in which we observed a direct 22 lessons of history, in the period from March to June 2015. Engage with Fonseca (2003), Caimi (2010), Knauss (2011), Silva (2014) among others, who consider the didactic book a pedagogical instrument relevant in the process of teaching and learning at school. The data obtained in our empirical research show a paradox: the history textbook occupies a place of highlights in explanations of content, however is underused, because the different sections and the iconography that compose the chapters are not exploited.
Keywords: Textbook; Teaching of history; School; Secondary Education; Education.

* Bolsista de Iniciação Científica da UECE. Este trabalho é parte de pesquisa que está sendo realizada, denominada: "A história no ensino médio: o livro didático e o projeto primeiro, aprender! nas experiências vividas por professores e alunos de escolas públicas de Quixadá (2008-2015)", sob a coordenação da professora Dra. Isaíde Bandeira da Silva.

Introdução

Neste artigo apresentamos parte de nossa pesquisa de iniciação à pesquisa (IC) da universidade estadual do Ceará (UECE) denominada: "A história no ensino médio: o livro didático e o projeto primeiro, aprender! nas experiências vividas por professores e alunos de escolas públicas de Quixadá (2008-2015)", no qual trazemos resultados bastante relevantes no que diz respeito dos (des) usos do livro didático de história em uma escola pública de ensino médio localizada em Quixadá.

Fizemos nossa pesquisa de campo durante o primeiro semestre de 2015, sendo quatro semanas na turma do 1º. Ano e mais quatro semanas na turma do 2º. Ano e três semanas na turma do 3º. Ano, totalizamos 22 aulas de História observadas. Em cada semana observamos duas aulas de História. Em cada dia de observação preenchemos uma ficha com os seguintes dados: Conteúdo (Assunto); Introdução da aula; Desenvolvimento do conteúdo; Descrição das atividades; Observações gerais; Comentários do pesquisador.

Partimos do pressuposto que o livro didático é um dos instrumentos mais utilizados em sala de aula, ou como não dizer o único instrumento que de fato professores e alunos têm como ferramenta de trabalho disponível no Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Vale ressaltar que esta garantia do livro didático para todos os alunos da Educação Básica só foi possível a partir do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) constitui-se hoje uma das maiores políticas públicas do Brasil tanto em questão de investimento de verbas públicas em educação, quanto em dar acessibilidade ao livro para todos os alunos da Educação Básica de escolas públicas dos mais diferentes recantos do País. Desta forma, torna-se pertinente analisar como é trabalhado e vivido o Ensino de História no cotidiano do Ensino Médio através do Livro Didático, escolhido e disponibilizado pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

O Ensino Médio e o Livro Didático

Para uma educação progressista é importante que o *lócus* escolar tenha um caráter "formador" do espaço pedagógico (consciente), por meio do qual a educação integral do ser

humano favoreça a superação das estruturas injustas, "num método ativo, dialogal, crítico e critizador" (FREIRE, 1983, p.107), no qual o exercício da reflexão seja constante. Deve-se destacar desse modo, a importância de fazer diferente, em especial do despertar para diferentes ações pedagógicas, tendo a pesquisa como princípio científico e educativo, pois, como afirma Demo: "Se a educação se diz emancipatória, não poderá prescindir de laçar deste meio. Não corresponderá ao desafio da cidadania moderna, se permanecer na mera transmissão, cópia, reprodução de conhecimentos..." (1994, p. 33).

Nesta perspectiva a História a ser ensinada não é simplesmente um acúmulo de fatos e datas organizados de forma cronológica pronto para ser memorizado, é, antes, tempo constituído na relação com o outro, nas experiências compartilhadas. Torna-se imprescindível, portanto, como afirma Burke (1995, p. 339) fazer uma narrativa densa o bastante, para lidar não apenas com a sequência dos acontecimentos e as intenções conscientes dos atores nesses acontecimentos, mas também com as estruturas - instituições, modos de pensar etc. Podemos afirmar, portanto, que a aprendizagem histórica é algo inerente à formação cidadã, e, de início, requer um estudo e aquisição de conhecimentos referentes aos fatos que constituíram e constituem a nossa História. E uma das formas de viabilizar o acesso às informações históricas é através do livro didático, que atualmente faz parte de uma política pública do Governo Federal, através do Programa Nacional do Livro Didático.

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) surgiu pelo Decreto no. 91.542, de 19 de agosto de 1985, tendo como função avaliar, indicar, comprar e distribuir livros didáticos para as escolas públicas. Então, o governo brasileiro traçou uma política de ação educacional em torno do livro didático, fato que acabou gerando uma espécie de controle do mercado editorial de livros didáticos, pois os livros que não se coadunassem com as propostas oficiais de ensino não eram indicados e consequentemente diminuiria seu público e seu lucro. Em 1995 reconfigurou-se e, no ano seguinte, iniciou-se o processo de avaliação pedagógica para os livros inscritos para o PNLD/1997. Assim surgiu o 1º Guia de Livros Didáticos. Com pareceres detalhados sobre as coleções didáticas aprovadas pela equipe de pareceristas a escolha dos livros didáticos passa a ser feita pelos docentes nas escolas. Com relação ao Ensino Médio, este passou a ser contemplado pelo Programa Nacional do Livro Didático do Ensino Médio PNLDEM na primeira década do século XXI, especificamente, a partir de 2006 duas disciplinas (português e matemática) foram contempladas com distribuição de livros para todos os alunos do Ensino Médio matriculados na rede pública de ensino do Brasil. E a cada ano posterior mais duas disciplinas foram inseridas nesta cobertura, até chegar o ano de 2011,

em que todas as disciplinas do Ensino Médio foram contempladas com livros didáticos para todos os alunos. No final da primeira década o século XXI o PNLDEM foi totalmente incorporado pelo PNLD, ou seja, agora é o Programa Nacional do Livro Didático que é responsável diretamente por toda avaliação e distribuição dos livros da Educação Básica, não sendo mais necessária a especificidade do PNLDEM.

No que diz respeito ao Ensino Médio o artigo 35 das Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (Lei 9394/96) destaca-o como a etapa final da Educação Básica, com duração mínima de três anos, e tem como finalidades:

> I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;
>
> II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
>
> III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
>
> IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

Atestamos que uma das características socialmente mais relevantes do aluno do ensino médio é o seu pertencimento à juventude. Contudo, em geral, uma juventude já inserida no mercado de trabalho, às vezes, informal. Pesquisas já confirmaram o perfil de muitos dos alunos do Ensino Médio, ou seja, a constatação de que dos alunos que frequentam a educação média, 75% o fazem no período noturno e, dentre esses, 86% são estudantes trabalhadores. (FRANCO, 1994, p.120). Nesta mesma perspectiva Paulo Knauss afirma: ...os alunos do Ensino Médio devem ser percebidos como cidadãos, não tão jovens, economicamente ativos e inseridos no mercado de trabalho. Isso evidencia o desafio posto ao sistema para garantir o ensino aos jovens brasileiros em igualdade de oportunidades. (2011, p.201)

No documento das Orientações Curriculares para o Ensino Médio há seguinte abordagem com relação ao público do último segmento da Educação Básica = Ensino Médio: (...) boa parte desse alunado é egressa de camadas populares, com todas as implicações sociais e culturais decorrentes. No entanto, o fato de esse jovem já ter concluído o ensino fundamental e, de, além disso, poder manter-se nos estudos, mesmo quando já inserido no mercado de trabalho, lhe confere um status diferenciado. E o torna objeto de expectativas sociais específicas, a começar pelo papel de indicador de qualificação conferido à

escolaridade média por toda uma gama de trabalhos, ofícios e profissões. Nesse sentido, aqueles conhecimentos que costumamos definir como o essencial que um aluno de ensino médio deve saber objeto, por sua vez, de inquietações como as que se manifestam no ENEM e nos vestibulares representam uma outra evidência do valor socialmente atribuído a esse nível de escolarização.

De acordo com os Parâmetros Curriculares do Ensino Médio, as disciplinas neste segmento escolar da Educação Básica são agrupadas em quatro áreas, dentre elas, a área de Ciências Humanas e suas Tecnologias é constituída, no ensino médio, pelas disciplinas Filosofia, Geografia, História e Sociologia, cujo objeto comum de estudos as sociedades humanas em suas múltiplas relações é analisado a partir de dimensões filosóficas, espaciais, temporais e socioculturais. Por outro lado, segundo o artigo 13 das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, homologadas em janeiro de 2012, as propostas curriculares deverão contemplar: - as dimensões do trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura como eixos integradores entre os conhecimentos de distintas naturezas; - o trabalho como princípio educativo; - a pesquisa como princípio pedagógico; - os direitos humanos como princípio norteador; - a sustentabilidade socioambiental como meta universal.

De acordo com recentes pesquisas da área o livro didático constitui-se a principal fonte de trabalho e estudo para muitos docentes e discentes (SILVA, 2014), tendo em vista seu fácil acesso e promoção governamental, além da divulgação gratuita das editoras responsáveis por este mercado. Contudo, segundo Selva Guimarães, nos debates sobre Ensino de História uma questão é recorrente: ou o livro didático é apresentado como o bode expiatório, ou panaceia universal (2003) para todos os problemas da educação histórica. Mas, coadunamos com Flávia Caimi (2010, p. 113), ao afirmar que:

> Nem vilão, nem herói, o livro didático tem presença constante na educação escolar brasileira, uma presença que persiste ao longo de muitas décadas e que se configura como resultado de uma longa trajetória, confundindo-se com a própria história da escola e do ensino. No caso da História como disciplina escolar, o livro didático nacional está presente desde a criação da disciplina, no Colégio Pedro II, em 1838. Ao longo do século XX, esse objeto cultural foi transformando-se, acompanhando o desenvolvimento científico-tecnológico, incorporando novas concepções teórico-historiográficas e pedagógicas.

O professor que ensina história nem sempre o faz valendo-se de um referencial de formação específica. Aliás, o que predomina, em termos nacionais, é a ausência dessa formação e, nesse sentido, cabe-nos investigar, permanentemente, como o professor chega a

compreender e interagir com aquilo que lhe cabe ensinar como saber histórico. (MIRANADA, 2008, p.266)

De acordo com Certeau (1994), não há consumo passivo, pois no cotidiano há inúmeras maneiras de fazer uso de algo material. Este debate requer uma rearticulação com os conteúdos estabelecidos e, quando possível, a superação da ordem cristalizada destes, no processo constante da disputa, como diz Michel de Certeau, entre táticas e estratégias, pois há maneiras de fazer (1994, p. 41 e 92) que alteram ou reinventam formas de viver no espaço organizado e pré-fixado, num fazer diferente dentro do oficial, em especial, no cotidiano escolar. Desta forma, para nós, o conceito de apropriação equivale ao uso do livro didático. Os usos dos livros didáticos dependerão muito da atuação do professor em sala e de sua relação pedagógica com os alunos. Como destaca Schmidt (1999, p. 56): "Na sala de aula se realiza um espetáculo cheio de vida e de sobressaltos".

Acreditamos, junto com Schmidt e Cainelli (2004, p.137) que "dependendo da maneira de utilização do livro pelo professor, o conhecimento histórico assume, na relação ensino-aprendizagem, determinados significados...". Por isso coadunamos com o recado de Fernando Seffner (2013, p. 44) para todo o educador: "Exerça a função de professor e de coordenador das atividades deixando claro que você é um adulto e servidor público, que maneja uma política pública, no caso, aquela da educação".

O Livro Didático de História adotado na Escola pesquisada

O livro didático de história, adotado na Escola de Ensino Médio pesquisada, na cidade de Quixadá, para o triênio de 2015 a 2018 foi "História: das Cavernas ao Terceiro Milênio" das autoras Patrícia Ramos Braick e Myriam Becho Mota, da editora Moderna, terceira edição (2013), composto de três volumes. O primeiro volume, destinado ao 1º. Ano, tem 248 páginas e 14 capítulos. O segundo volume, destinado ao 2º. Ano, tem 248 páginas e 16 capítulos. O terceiro volume, destinado ao 3º. Ano, tem 264 páginas e 15 capítulos. Todos os capítulos subdividem-se desta maneira: abertura do capitulo com uma imagem, textos e atividade, glossário, boxes de textos complementares, trabalhando com fontes, outras histórias, é as seguintes seções: Textos Complementares; Aprenda mais; Atividades; Decifrando o Enem e Questões do Enem e Vestibulares. Em cada volume após os capítulos há

uma seção denominada "Ampliando", em que para cada capitulo há dicas de livros, documentários e sites.

O Manual do Professor é dividido em duas partes: uma, referente às orientações específicas sobre os capítulos e, a outra parte, composta dos seguintes suplementos: orientações pedagógicas e metodológicas, orientações especificas para cada livro, respostas das atividades do livro do aluno e sugestões bibliográficas, além de textos complementares. O manual do professor sugere que o professor no início de cada capitulo trabalhe a imagem proposta e em seguida estimule uma reflexão sobre o assunto a partir das questões elencadas. Vale salientar que no decorrer do Manual do Professor há um símbolo de um livro vermelho, que significa que são sugestões para que o professor procure maior aprofundamento sobre os temas abordados nas orientações para professor no livro digital que acompanha a Coleção.

E ainda, nas orientações especificas Manual do Professor são expostos textos complementares, como no vol. 1 da página 294 a 295, " A identidade do homem Americano", do autor Marcos Pivetta, disponível na Revista Pesquisa Fapesp, em julho de 2001. Como também é sugerido para o professor algumas leituras de livros, exemplos: "Ensino de História e cultura material" da Maria Katia Abud; "Uma breve história do homem" de Michael Cook e "Arqueologia" de Pedro Paulo Funari.

Um capítulo do Livro Didático de História em Foco

O capítulo 4 do volume 1 é denominado: " Antiguidade oriental", tem 28 páginas. Aborda as primeiras civilizações como: Mesopotâmia, Egito, Nubia, Fenícios, Hebreus e Persa, em que as autoras procuram fazer um panorama dessas sociedades como os aspectos: econômico, social, religioso e cultural. Neste capitulo há 37 imagens. Exemplos: na página 48 imagem há miniatura do sarcófago de Tutancâmon, utilizado para guardar as vísceras do faraó no Museu Egípcio do Cairó, na página 50 ruínas da antiga cidade de Ur, na página 51 o fiel de Larsa, estatueta em bronze, do século XVIII a.C. que representa um súdito reverenciando Hamurabi, na página 56 escultura egípcia em madeira, 1980 a.C. representando uma mulher ricamente adornada carregando oferendas, página 58 múmia do faraó Ramsés II, na página 59 lápide conhecida como Pedra da Roseta, 196 a.C, na página 60 detalhe do papiro de Rhind, o documento revelou parte do conhecimento matemático dos antigos egípcios, na página 61

homem núbio representado no cabo de uma bengala cerimonial encontrada no tumulo do faraó Tutancâmon, na página 65 placa de devoção à deusa Astarte, na página 68 Torá judaica onde era lida apenas na sinagoga, na página 71 arqueiro persa representado em mosaico do século V a.C, dentre outras. Neste capítulo são utilizados nove mapas, exemplos, na página 49 o mapa dos países do oriente médio em 2011, na página 53 povos e impérios da mesopotâmia, na página 54 o Egito antigo, na página 65 Fenícia: colônias e rotas comerciais, na página 69 as doze tribos de Israel entre outros. É destacado por todo o capitulo palavras que precisam de uma explicação a parte, formando um pequeno glossário, exemplos, civilização e adobe na página 49, semita na página 51, húmus e dinástico na página 54, hicsos na página 55 e entre outras palavras. É valido destacar que as atividades intercalam todo o capitulo. Logo na abertura do capitulo 4, na página 48 há um pequeno texto chamado "Te orientas!" que está disponível no site www.qieducacao.com e uma imagem da miniatura do sarcófago de Tutancâmon, e uma atividade com questões discutindo a imagem e o texto, exemplos, "1- Discuta com os colegas por que, para o autor, Antiguidade oriental é uma nação criada pelo ocidente?" "2- Você sabe dizer que povos viveram na região que hoje é geralmente chamada de Antiguidade oriental? Como é possível estudar o modo de vida que eles levaram? Na página 73 a atividade proposta faz interdisciplinaridade com a Biologia. Na página 74 uma atividade com 7 questões explorando todo o assunto trabalhado no capitulo, exemplos: "Observe os mapas do capitulo e identifique o que os povos mesopotâmicos, egípcios, cuxitas e hebreus tiveram em comum para o seu desenvolvimento". E para encerrar uma questão decifrando o Enem.

Apesar de ser um capítulo bastante extenso se comparado com outros capítulos, o mesmo é bem dividido, abordando assim as principais civilizações. Por todo o capitulo 4, as autoras trazem a discussão histórica, mostrando as descobertas feitas através da pesquisa, mostrando dessa maneira a sua relevância na sociedade, como ciência do tempo.

As orientações do Manual do Professor para este capítulo destacam, por exemplo, na página 48: "Professor, caso seja possível, utilize um planisfério atual para trabalhar esta abertura. O objetivo é localizar geograficamente a região na qual se desenvolveram os povos da chamada Antiguidade oriental...". Em outra página orienta: "Para aprofundar o conhecimento sobre a arte no antigo Egito sugerimos realização de uma pesquisa em enciclopédias, livros de artes e sites. O objetivo é selecionar imagens representativas da arte nesse período que representem divindades e/ou cerimônias religiosas". (p. 297) Por fim é necessário destacar as sugestões de leitura para o professor como por exemplos: "A História

começa na Suméria" de Samuel Noah Kramer, "As primeiras civilizações" de Jaime Pinsky, "Judaísmo" de Scialom Bahbout e "Os homens da Bíblia" de André Chouraqui.

Uma Aula de História na Prática do Cotidiano Escolar

No dia 13 do mês de abril 2015, das 7h50 às 9h45, na turma do 1º Ano D do Ensino Médio teve aulas de história (2 aulas geminadas), do capítulo 4 "A Antiguidade Oriental" do livro didático adotado.

O professor iniciou a aula falando sobre as antigas civilizações, especificamente a Mesopotâmia. E solicitou que os alunos abrissem o livro didático de história na página 49 e fez a leitura em voz alta para os alunos acompanharem. Após cada parágrafo, parava para explicar melhor para os alunos o que foi lido, como o significado da palavra Mesopotâmia, termo que foi criado pelos gregos situado ente os rios Eufrates e Tigres, e a palavra significa terra entre rios. Ele, ainda, explicou como essas civilizações nômades se organizavam e como o comércio pode influencia na economia com as trocas que realizavam entre eles. Tentou conciliar o conteúdo estudado com algumas peculiaridades sobre a História Local. Os alunos acompanham a leitura que o professor faz. Em seguida, o professor pediu para que os alunos fizessem a leitura silenciosa da página 50, após a leitura dos alunos ele destaca alguns pontos importantes como, por exemplo: a religião politeísta dessas civilizações, e, ainda, o professor perguntou aos alunos o que são as cidade-estado, mas os alunos não responderam nada.

Na lousa o professor escreveu a atividade da página 53 para os alunos copiarem no caderno e depois responderem e fazerem um resumo das páginas 48 a 53.

Com relação a outros recursos o professor deu dicas para os alunos pesquisarem na internet uma reportagem sobre o assunto que passou na TV.

O professor interrompeu algumas vezes a aula para chamar atenção dos alunos que estavam conversando e atrapalhando a aula. O professor pediu para que os alunos atentassem para a leitura, pois a mesma é um importante instrumento para as futuras provas do ENEM.

Na hora do intervalo o professor conversou conosco sobre a situação da turma e disse que na prova realizada na semana passada a maioria da turma tirou nota baixa, e comentou que há alunos que chegam do Ensino Fundamental com uma grande defasagem e

sentem muitas dificuldades, inclusive de leitura. E reclamou, ainda, que alguns alunos não trazem o livro para realizarem a leitura e a atividade. O professor comentou, também, sobre o livro didático digital, mencionando que é uma ferramenta excelente, pois traz *links* para pesquisas, dicas de filmes entre outros, contudo essas aulas não são possíveis porque a escola não tem televisores e retroprojetores suficientes, e os que têm alguns colegas sem nenhuma sensibilidade reservam para o mês todo não tendo como os outros professores fazerem o uso.

E assim, a maioria das aulas de História que observamos seguiu este estilo metodológico, ou seja, de leitura de alguns parágrafos pelo professor, explicação em detalhe de alguns aspectos dos assuntos trabalhados e depois solicitação de algumas atividades do próprio livro, sem abrir mão da solicitação de resumo de algumas páginas.

O Livro Didático no Cotidiano Escolar: entre o ideal e o real

Figura 1: Tabela de alguns capítulos dos livros didáticos de História adotados nas turmas do 1º., 2º. e 3º. Anos.

Série	**Capítulo/volume**	**Total de páginas de textos nos livros**	**Páginas de atividades**	**Total de imagens**
1º. Ano	Capítulo 3: "A identidade do homem americano."	11	03	09
1º. Ano	Capítulo 4: "Antiguidade Oriental"	28	04	37
2º. Ano	Capítulo 10: "As lutas de independência na América."	09	03	10
2º. Ano	Capítulo 11: "O processo de independência da América portuguesa."	10	04	10
3º. Ano	Capítulo 03: "A Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa."	13	03	11
3º. Ano	Capítulo 04: "A crise dos anos de 1920 e a ascensão	10	05	08

	nazifascista."			
3 turmas	**6 capítulos**	**79 páginas de textos**	**22 páginas de atividades**	**85 imagens**

Fonte: BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myriam Becho (2013, v.1, 2 e 3).

Figura 2: Tabela das aulas de História observadas na escola.

Data	**Série**	**Capítulo/volume**	**Páginas lidas**	**Atividades feitas**	**Imagens trabalhadas**
23/03/2015	1º. Ano	Cap.3 (v.1): "A identidade do homem americano"	p. 38-40	p. 41-43	###
30/03/2015	1º. Ano	Cap.3 (v.1): "A identidade do homem americano"	###	p. 44	p. 40 (sambaqui)
13/04/2015	1º. Ano	Cap.4 (v.1): "Antiguidade Oriental"	p. 49-50	p. 48-53 (Resumo)	###
27/04/2015	1º. Ano	Cap.4 (v.1): "Antiguidade Oriental"	###	p. 54-63 (Resumo) p. 73-74 (para casa)	###
06/05/2015	2º. Ano	Cap.10 (v.2): "As lutas de independência na América"	p. 132	p. 134-136 (para casa)	###
13/05/2015	2º. Ano	Cap.10 (v.2): "As lutas de independência na América"	p. 134-138	p. 138	###
21/05/2015	2º. Ano	Cap.11 (v.2): "O processo de independência da América portuguesa"	p. 139-141	###	###
03/06/2015	2º. Ano	Cap.11 (v.2): "O processo de independência da América portuguesa"	p. 142	p. 150	###
21/05/2015	3º. Ano	Cap.03 (v.3): "A Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa"	p. 49-52	p. 59	p. 49 (Mapa) p.51 (cidade)
11/06/2015	3º. Ano	Cap.04 (v.3): "A crise dos anos de 1920 e a ascensão nazifascista"	p. 66	p. 73	###
18/06/2015	3º. Ano	Revisão cap. 3 e 4		p. 74	###

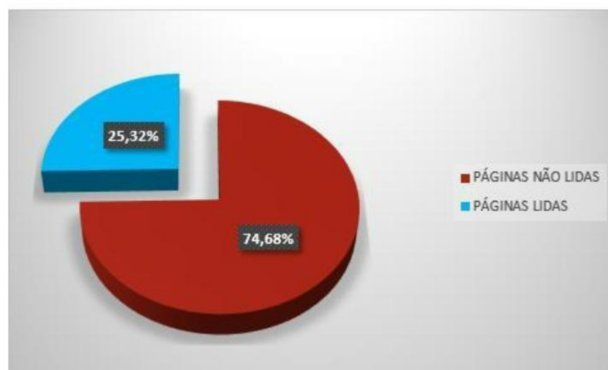
			###		
11 dias de observação = 22 aulas	**3 turmas**	**6 capítulos**	**20 páginas**	**14 páginas**	**03 imagens Trabalhadas**

Fonte: Aulas observadas pelas autoras, de março a junho de 2015.

Na figura 01 podemos ter uma visão panorâmica de seis capítulos dos livros didáticos de História adotados na escola pesquisada. Foram trabalhados durante o período de nossa pesquisa de observação direta nas aulas de História dois capítulos em cada turma. Juntando os 06 capítulos trabalhados nas turmas temos 79 páginas de textos (incluindo os complementares), 21 páginas de atividades, inclusive com questões de ENEM e um quantitativo de 85 iconografias.

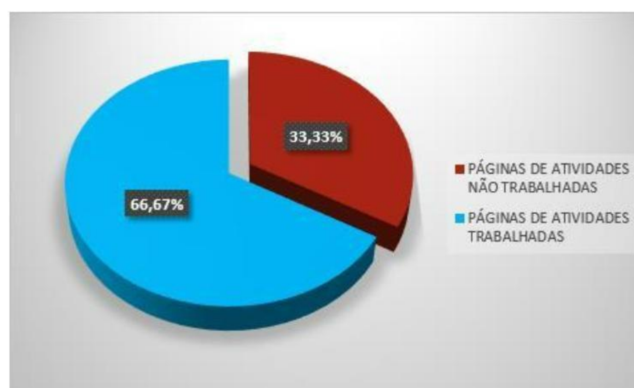
Na figura 02 vemos o que realmente foi utilizado do livro didático no cotidiano das aulas de História que tivemos a oportunidade de observar em nossa pesquisa de campo. Para termos uma ideia melhor dos usos do livro didático no cotidiano escolar vejamos os seguintes gráficos:

Gráfico 01: Páginas dos capítulos observados do livro didático adotado e páginas trabalhadas



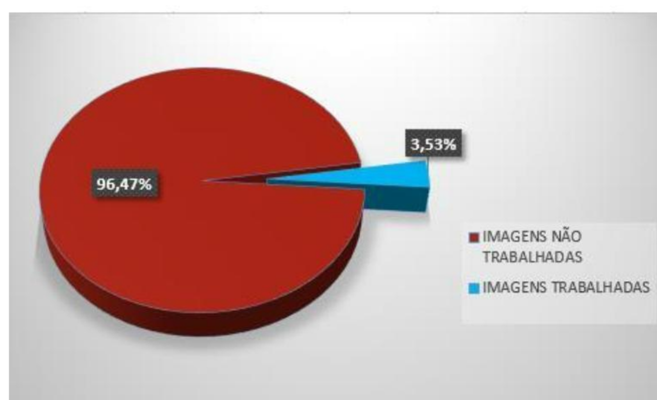
Contabilizamos através de nossas fichas de observações (uma por dia das aulas observadas) que apenas 25,32% das páginas dos livros didáticos de História foram efetivamente exploradas em sala de aula, através de leitura em voz pelo professor, seguidas de explicações à parte na lousa.

Gráfico 02: Páginas das atividades propostas no livro didático e páginas de atividades trabalhadas



Com relação às páginas de atividades 66,67% foram feitas, ao menos foram solicitadas que os alunos fizessem e algumas foram corrigidas em sala de aula. Esta questão revela uma boa aceitação, por parte do professor, das atividades propostas no livro didático adotado.

Gráfico 03: Total de imagens nos capítulos estudados e imagens trabalhadas de fato nas aulas



No que diz respeito as imagens apenas 3,53% foram trabalhadas em sala de aula pelo professor junto com os alunos, o que consideramos gritante, pois havia um total de 85 imagens prontas para serem exploradas no processo de construção do conhecimento história, e apenas 03 foi trabalhada em sala de aula junto com os alunos. Esta questão apresenta-nos um notório descrédito dado ao uso de imagens no cotidiano das aulas de História, por exemplo, em alguns momentos de leitura do capítulo por parte do professor era como se a(s) imagem(ns) não estive(m) ali na(s) página(s) lida(s), simplesmente se passava para página seguinte e continuava a leitura do capítulo.

Com relação a outras fontes para além do livro didático, é importante destacar que, nesta coleção de História adotada (de três volumes), no Manual do professor, na explicação de cada capítulo, há indicações filmes, documentários, sites, música e livros específicos que podem contribuir para o trabalho a ser desenvolvido com os alunos com relação aos mais diferentes assuntos. De forma direta no *lócus* escolar no decorrer de nossa pesquisa vimos o professor comentar, em momentos diferentes nas turmas pesquisadas, sobre três filmes: "A guerra do fogo", "Carlota Joaquina" e "Senhor das armas", mas em nenhuma turma se passou algum trecho desses filmes. Indicou sites referentes às temáticas estudadas. E trabalhou em uma das turmas a música "Tocando em frente".

Diante do exposto, de uma forma direta, até poderíamos dizer que o livro didático foi pouco utilizado nas aulas de História nas três turmas do Ensino Médio que observamos. Contudo, apresentou-se um paradoxo. O livro didático de história foi uma ferramenta indispensável no cotidiano das aulas de História nas turmas que pesquisamos, tendo em vista que, em todas as aulas o livro didático foi o fio condutor e ocupou lugar de destaque por quase todo o tempo das aulas. Mas, o livro didático de História nestas turmas foi subutilizado, ou seja, poderia ter sido melhor explorado em suas potencialidades, como com relação as imagens constantes nos capítulos, para favorecer, por parte dos alunos, a obtenção do conhecimento histórico acumulado de geração em geração. Assim, comparando a figura 1 com a figura 2 (apresentadas acima), e através dos três gráficos vistos acima, percebemos que, com relação aos usos do livro didático de História, ricas oportunidades foram desperdiçadas na mediação da construção do conhecimento histórico.

Considerações finais

O uso do livro didático tem sido objeto de constantes estudos nesses últimos anos, como a tese que já citamos de Silva (2014) que investigou os usos do livro didático de História no cotidiano escolar, comparando o livro didático a um caleidoscópio em que dependendo de quem use projeta diferentes imagens.

A postura teórico-metodológica do educador faz a diferença nos usos dos livros didáticos e de qualquer outro material pedagógico. Desta forma, por exemplo, se a compreensão epistemológica do professor dos conceitos de educação, de história e do ensino de história for numa perspectiva progressista maior será sua possibilidade de exploração do

livro didático adotado, para além do texto principal (de base) de cada capítulo, dito nas linhas e entrelinhas

Apesar de vivermos um tempo de intensas inovações tecnológicas e estas ter chegado até a sala de aula permitindo que professores usem filmes, *slides,* CDs, documentários, jogos, dentre outros instrumentos em sala de aula como uma maneira de tornar a aula mais didática e concretamente mais rica na perspectiva histórica, o livro didático ainda é o instrumento de maior uso por professores e alunos. Pudemos comprovar esta questão no chão da sala de aula, durante nossa pesquisa de observação nas três turmas do Ensino Médio.

Enfim, no que diz respeito aos (des) usos do livro didático de História, no Ensino Médio, de uma escola pública, os dados de nossa pesquisa revelaram um paradoxo, pois o livro didático de história foi bastante utilizado nas aulas por professores e alunos, através da realização de leituras do capitulo, resumos, questionários e debates em sala de aula. Entretanto, vimos o uso parcial deste instrumento didático, com o professor, algumas vezes, substituindo conteúdos bastante elaborados nos capítulos do livro didático por pequenos resumos (feitos pelos alunos) ou leituras (feitas pelo professor em voz alta ou pelos alunos) de partes pontuais do texto principal de cada capítulo, e outras importantes seções e/ou fontes históricas diversificadas que compõem o livro didático adotado na escola pesquisada foram deixadas, em geral, de lado, como: iconografias, glossário, trechos de outros livros, reportagens de jornais e revistas, indicações de músicas, documentários, *sites* e filmes, sem falar de algumas atividades que passaram despercebidas.

Fontes

BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myriam Becho. *História*: das cavernas ao terceiro milênio. 3ªed. São Paulo: Moderna, 2013. v. 1, v. 2 e v. 3.

Referências Bibliográficas

BRASIL. *Diretrizes Curriculares da Educação Básica* - LDB. Brasília: MEC, 1996

_______. *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio*. Brasília: MEC Secretaria de Educação Média e Tecnológica (Semtec), 1999.

_______. *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio*. PCN + Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais - Ciências Humanas e suas Tecnologias. Brasília: MEC Secretaria de Educação Média e Tecnológica (SEMTEC), 2002.

BURKE, Peter (Org.) *A Escrita da História* - Novas Perspectivas. [Trad. de Magda Lopes]. 4ª ed São Paulo: UNESP, 1995.

CAIMI, Flávia Eloisa. Escolhas e usos do livro didático de História: o que dizem os professores. In.: *Ensino de história*: desafios contemporâneos. (org). Vera Lucia Maciel Barroso. (*et al.*) Porto Alegre: EST: EXCLAMAÇÃO: ANPUH/RS, 2010.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*: 1. Artes de Fazer. [Tradução de Ephraim Ferreira Alves]. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DEMO, Pedro. *Educação e Qualidade*. Campinas, SP: Papirus, 1994.

FONSECA, Selva Guimarães. Livros didáticos e paradidáticos de História. In: FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e Prática de Ensino*. Campinas, SP: Papirus, 2003.

FRANCO, Maria Laura P.B. *Ensino Médio*: desafios e reflexões. Campinas, SP: Papirus, 1994.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. _________. *Pedagogia da Autonomia*: Saberes necessários à pratica educativa. São Paulo: Cortez: Paz e Terra, 1998.

KNAUSS, Paulo. Ensino Médio, Livros Didáticos e Ensino de História: desafios atuais da educação no Brasil. In.: *Perspectivas do Ensino de História*: ensino, cidadania e consciência histórica/ Selva Guimarães Fonseca, Décio Gatti Júnior (organizadores). Uberlândia, EDUFU, 2011.

MIRANDA, Sonia Regina. Lugares de memória, espaços de formação: elos invisíveis na constituição do conhecimento histórico de professores. In.: *Espaços de formação do professor de história*. Selva Guimarães Fonseca, Ernesta Zamboni (orgs.) Campinas, SP: Papirus, 2008.

CAINELLI, Marlene. O livro didático e o ensino de História. In. SCHIMIDT, Maria e CAINELLI, Marlene. *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2004.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. *Saber Histórico na Sala de Aula*. In.: ANAIS. III Encontro Perspectivas do Ensino de História. Curitiba: Aos 4 ventos, 1999.

SEFFNER, Fernando. Aprender e ensinar história: como jogar com isso? In: GIACOMONI; Marcello Paniz; PEREIRA, Nilton Mullet (Orgs.). *Jogos e ensino de história*. Porto Alegre: Evangraf, 2013.

SILVA, Isaíde Bandeira. As apropriações do livro didático de história em duas escolas públicas de Fortaleza. In: *Cadernos do CEOM*. Chapecó: Argos, 2011.

_______. O Livro Didático de História: escolhas, usos e percepções de professores e alunos no cotidiano escolar. In: *REVISTA Educação e Filosofia*, v. 26 nº. 52 jul./dez. 2012. Universidade Federal de Uberlândia.

_______. *O Livro Didático de História no Cotidiano Escolar*. Curitiba: Appris, 2014.